

ASSEMBLÉIA DA USP

Foi montada uma operação (fracassada) para tentar derrubar o movimento

É preciso rearmar o movimento: • Intensificar a ocupação • Partir para a ofensiva • Que a reitora reabra as negociações • Que o governo retire os decretos • Pela verdadeira autonomia universitária: abaixo a comissão de estatuinte da reitoria, por uma estatuinte democrática

Sem coragem para defender em público que querem o fim do movimento, PSol, DCE (PT-PCdoB) e a reitoria da USP aproveitaram-se do feriado para organizar uma verdadeira operação clandestina para acabar com a ocupação da reitoria.

Aproveitando-se da situação de indefinição e confusão temporária do movimento, prepararam a assembléia desta terça-feira para aprovar uma proposta de desocupação condicionada às propostas que a reitoria já havia apresentado e que já foram rejeitadas como insuficientes pela esmagadora maioria dos estudantes nas assembléias. Ficou absolutamente evidente para todos os que estiveram na assembléia dois fatos. Primeiro que os militantes do PSol tinham uma pauta "arranjada" com a reitoria para desocupar. Segundo que foi feita uma mobilização no feriado para, de um lado, desmobilizar os estudantes mais ativos e, de outro, trazer uma massa de manobra de estudantes que não estão participando das lutas para votar pelo fim da ocupação.

A manobra que foi apresentada ao movimento estudantil da USP já foi rejeitada nas assembléias anteriores e quase foi aprovada desta vez, com muita dificuldade, mas acabou sendo derrotada porque a assembléia aprovou a continuidade da luta colocando como uma reivindicação central a palavra-de-ordem de "Congresso Estatuinte Democrático" contra a comissão estatuinte da reitoria e tornando o atendimento desta reivindicação condição para qualquer eventual desocupação da reitoria.

O PSol e o DCE defendem desde o começo a proposta que a reitoria precisa para forçar o movimento a demonstrar uma fraqueza que não tem: abrir mão das suas pautas de reivindicação para negociar com base em uma proposta rebaixada que não atende nem minimamente às necessidades da maioria dos estudantes.

Isto colocou em xeque as esperanças dos traidores do movimento de negociar com a reitoria às costas dos estudantes e forçar a desocupação com o rebaixamento da pauta dos estudantes. Esta intenção, inclusive, foi defendida abertamente por um militante do PSol na assembléia, de nome Felipe e apelido "Feto", ao fazer um esclarecimento sobre a questão do que significa o "indicativo de desocupação" e afirmar que sua proposta é pela desocupação "automática", isto é, **que os estudantes saiam imediatamente da reitoria** após a negociação, sem que seja preciso avaliar, discutir e deliberar **democraticamente** em uma nova assembléia. Ou seja, a desocupação seria decidida pelo PSol e pela reitoria e não pelos estudantes!

Esta ala luta contra a ocupação da reitoria desde o começo e se apóia justamente na dispersão e na confusão, em um momento em que os estudantes precisam assimilar os acontecimentos, avaliar os avanços obtidos até agora na luta, como o recuo do governo e a paralisia da reitoria.

Derrotar a tentativa de golpe: REARMAR O MOVIMENTO

Os estudantes devem ter claro, contra a campanha sorradeira de

correntes como o PSol, que o decreto declaratório não é suficiente. Foi uma tentativa do governo de apaziguar os ânimos com base em um acordo prévio com as reitorias das três universidades estaduais e a reacionária burocracia acadêmica.

O decreto declaratório reafirma os anteriores e mantém, entre outras coisas, a Secretaria de Ensino Superior, dirigida por um dos maiores acionistas da educação privada, José Aristodemo Pinotti. Os decretos não foram revogados pelo governo, sua interpretação, função que cabe ao poder Judiciário, foi apenas "oficializada" pelo Executivo. Os decretos não se aplicam apenas às universidades e a sua manutenção e não revogação indicam que o governo pretende sim fazer uso dele, inclusive para as universidades. É preciso continuar reivindicando, portanto, a total revogação dos decretos.

O movimento estabeleceu uma ampla pauta que corresponde aos interesses da maioria dos estudantes da USP. Esta pauta não apenas não foi atendida como nem sequer foi formalmente respondida pela reitoria Suely Villela. Neste sentido, coloca-se agora, como **tarifa central**, exigir, através de uma ampla campanha, **que a reitoria negocie verdadeiramente a pauta de reivindicação dos estudantes, que conta com 18 pontos**. A reitora vem se recusando sistematicamente a negociar qualquer coisa com os estudantes, numa posição intransigente, onde exige a desocupação e se recusa a oferecer qualquer contraproposta real. O fato em si já é absurdo, ainda mais quando pensarmos que a maioria das reivindicações tratam de moradia, auxílio estudantil, professores e outras indispensáveis ao funcionamento normal da universidade, como, por exemplo, a de reforma do prédio da FFLCH, que em março foi alagado pelas chuvas impedindo que as aulas transcorressem normalmente. É preciso denunciar a intransigência e a falta de respeito da reitoria contra os estudantes contra a cínica afirmação da reitoria e da imprensa capitalista de que são os estudantes que não querem negociar porque... não abrimos mão das nossas reivindicações nem mesmo quando nem recebemos uma resposta decente da reitoria sobre esta questão.

Além disso, a mobilização colocou às claras que o movimento deve debater amplamente quais as perspectivas abertas pela ocupação da reitoria e toda a mobilização e o que está colocado objetivamente para todos estudantes e toda a comunidade universitária. O movimento se fortalece ao se tornar consciente das suas necessidades e as questões estratégicas que estão colocadas. Uma destas questões é justamente a do poder dentro da universidade que se manifesta na reivindicação de uma **estatuinte democrática**, isto é, produto da discussão e da mobilização de toda a comunidade universitária e não apenas da minoria burocrática e privilegiada na reitoria e no Conselho Universitário, uma estatuinte convocada e controlada democraticamente por toda a comunidade universitária e não pela reitora e seu conselho de professores graduados. Devemos rejeitar por completo a comissão de estatuinte que existe atualmente, eleita pelo Conselho Universitário e composta por seis docentes, um representante discente e nenhum funcionário, uma monstruosidade antidemocrática que pretende enfiar goela abaixo

de toda a comunidade universitária a decisão da reitora e de meia dúzia de professores graduados. Através dessa comissão não será nunca possível modificar a relação de poder dentro da universidade, mas apenas perpetuar e aprofundar a atual estrutura, onde os professores têm controle completo da universidade em todas as áreas, excluindo os estudantes e funcionários, que são maioria da comunidade universitária de suas decisões. A profundidade do movimento de ocupação já colocou objetivamente este problema, como o demonstram várias declarações de professores publicadas na própria imprensa burguesa.

Responder à campanha venenosa da imprensa apoiada por PT-PCdoB-PSol

Toda a manobra fracassada da assembléia de terça-feira teve como mentor ideológico o reacionaríssimo jornal da grande burguesia *O Estado de S. Paulo*. Este jornal lançou um conjunto de intrigas no interior da universidade que é preciso analisar e desmascarar. É preciso mostrar aos estudantes todas as suas mentiras.

A primeira delas é a de que a ocupação é um fim em si mesmo. Somente a imprensa mentirosa e corrupta da burguesia poderia dizer isso quando o movimento tem uma pauta de 18 pontos, dos quais nem um único foi atendido nem pelo governo do Estado, nem pela reitoria! Somente um mentiroso cínico pode dizer que o movimento não tem objetivos **quando a reitora até agora não deu resposta formal a nenhum dos pontos apresentados a ela! Nem mesmo para negá-los e dizer porque nega!**

Somente um mentiroso patológico pode dizer que o movimento não tem objetivo quando a reitora RECUSA-SE A SENTAR À MESA PARA NEGOCIAR COMO SE TUANTES ERETIROU-SE DAS NEGOCIAÇÕES ANTERIORES SEM NEM RESPONDER ÀS NOSSAS DEMANDAS!

Isso é um jornal ou uma fábrica de mentiras?

A segunda intriga contra a ocupação utilizada por este órgão da mentira e da reação política foi feita contra a participação de partidos de esquerda na mobilização. Foi uma clara tentativa de um jornal burguês, que sustenta os partidos corruptos do Congresso Nacional, para dividir a luta. O movimento estudantil é democrático, não é como a ditadura militar de 64, pela qual o Estadão era apaixonado, que proibia a existência de partidos. Os partidos de esquerda estão no movimento desde o começo e fazem parte dele mesmo quando têm posições equivocadas.

Este é um velho truque da burguesia. O Estadão gostaria que o PSDB, corrupto e reacionário partido burguês e pró-imperialista do Sr. José Serra, FHC e Alckmin da Opus Dei dominassem o movimento estudantil. Mas os estudantes não querem nem saber destes partidos de criminosos.

Não podendo colocar o seu próprio partido, o Estadão aparece cínicamente falando contra “todos” os partidos no movimento para fazer uma intriga entre os independentes e os partidos de esquerda, causando um escândalo artificial e inventado para dar a entender que um movimento ter partido seria um verdadeiro crime!

Por que o Estadão não defende o fim dos partidos no Congresso Nacional e nos governos? Os partidos que ali estão são um mar de corrupção e vigarice. Não: os partidos que não pode são os de esquerda e os que estão na ocupação, os outros podem.

Temos que rejeitar estas intrigas de reacionários que defendem o ensino privado (mas não falam) e que sempre foram contra o movimento estudantil independente da burguesia corrupta. Quem não se lembra de que os estudantes de 68 fizeram inúmeras manifestações especificamente contra o **Estado de S. Paulo**?

DEMOCRACIA NA UNIVERSIDADE

Iniciar já uma discussão sobre a Estatuante na USP

A ocupação da reitoria da USP já dura 42 dias e mantém suas reivindicações pautadas em 18 pontos, dentre elas o aumento de verbas para a educação, contratação de professores, construção de novos prédios, mais moradia universitária e a total revogação dos decretos que retiram a já pouca autonomia das universidades estaduais.

O movimento deve lutar por estes 18 pontos e foi a ocupação que permitiu uma situação concreta de pressão contra a reitoria e o governo. Foi esta luta que também abriu uma possibilidade real de discussão entre toda a comunidade acadêmica sobre uma verdadeira democracia universitária. Só foi possível que esta questão fosse levantada, concretamente, devido à ocupação da reitoria.

O movimento que agora impulsiona greves e ocupação não só pelo estado de S. Paulo, mas por todo o País tem um caráter revolucionário, pois abre uma discussão sobre a relação de poder entre estudantes, professores e funcionários e a reitoria e o governo.

Aos ocupantes que estão na reitoria, **é de fundamental importância a organização prática desta questão**, isto é, de um processo de mudança política. Uma mudança que só poderia ser alcançada através de uma luta revolucionária. E é exatamente isso que a ocupação proporciona.

A ocupação da reitoria é o maior instrumento de mobilização dos estudantes e o que trouxe mais perspectivas em décadas. Após tantos ataques dos governos estaduais e federal contra o movimento estudantil, além da paralisia causada pela burocracia estudantil, os estudantes começam a levantar a cabeça e lutar não só por questões específicas e estruturais, mas acima de tudo políticas.

É preciso **organizar desde já uma mesa redonda na ocupação da USP**, reunindo todos os que estão mobilizados na ocupação, como primeiro passo **para discutir a questão da estatuinte e convocar amplamente um seminário que discuta a questão da Estatuinte democrática de forma isenta, independente dos interesses da burocracia universitária, com a participação dos verdadeiros interessados: estudantes, professores e funcionários.**

É necessário uma ampla discussão por uma mudança da Estatuinte e da forma mais democrática. Para tanto, é preciso realizar um congresso geral da USP organizado a partir da organização independente de estudantes, professores e funcionários, sem vínculos com a reitoria e a burocracia universitária formada de professores titulares que decidem de acordo com suas próprias perspectivas, ignorando as necessidades do conjunto da comunidade universitária. Somente um congresso, que reúna sobre bases democráticas toda a comunidade universitária pode apontar as diretrizes para um novo estatuto da Universidade.

Combater os agentes da reitoria dentro da ocupação

A reitoria e o governo estão num impasse. A única forma que poderia garantir uma desocupação sem negociação seria a tentativa de implosão do movimento. O setor atrelado à reitoria e ao governo, explicitamente representado nas assembléias e plenárias já realizadas pelo PSol e o DCE, onde foram amplamente repudiados quando propuseram o fim da ocupação, tenta desmobilizar os estudantes e desanimá-los. Aproveitaram o longo feriado para desmobilizar o máximo de estudantes e tentar fazer uma assembléia esvaziada. Na última assembléia geral dos estudantes da USP, realizada na terça-feira, dia 12, manobram a mesa e se aproveitaram de uma campanha reacionária de desmobilização para tentar forçar o movimento a um suicídio político com a aprovação da desocupação sem que nenhuma reivindicação tenha sido atendida e sequer considerada pela reitoria. No entanto, a força do movimento impediu que este setor defendesse abertamente a desocupação e fosse obrigado a propor um indicativo de desocupação condicionado a propostas como a não punição dos estudantes e funcionários do movimento e o reconhecimento da legitimidade do V Congresso Geral da USP como instância responsável por discutir e definir o novo estatuto da USP. Este obstáculo à aprovação automática da reitoria de suas próprias propostas foi imposto à ala que está no bolso da reitoria pelos estudantes em luta.

É necessário mobilizar o maior número de estudantes para garantir a ocupação, pressionar contra a intransigência da reitoria e do governo e colocar em marcha a discussão da Estatuinte. É necessário também fortalecer as comissões e aumentar o ritmo da ocupação, mandar textos, moções, abaixo-assinados, etc. em apoio à ocupação para fortalecer o movimento e deixar claro que a desocupação é a vontade de uma minoria que se vendeu para a reitoria.

Participe das atividades na ocupação! Venha discutir na mesa redonda o porquê da Estatuinte e da necessidade de rejeitar a comissão imposta pela reitoria para tocar o processo que já está em marcha. **Por uma verdadeira estatuinte democrática!**